

# DOCÊNCIA COM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS: OLHARES E MOVIMENTOS A PARTIR DE UM MOVIMENTO DE FORMAÇÃO

## TEACHING WITH BABIES AND YOUNG CHILDREN: LOOKS AND MOVEMENTS FROM A FORMATION MOVEMENT

Ana Cristina Marques Monteiro Vieira 1  
Nazareth Salutto 2

Pedagoga (UFF), Universidade Federal Fluminense (UFF). 1  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5257468361776544>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3696-6355>.  
E-mail: [anacmmv@id.uff.br](mailto:anacmmv@id.uff.br)

Doutora em Educação Brasileira (PUC-Rio), Mestre em Educação 2  
(UFRJ), Especialista em Educação Infantil (PUC-Rio), Pedagoga (ISERJ). Pro-  
fessora Adjunta do Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento  
da Universidade Federal Fluminense (UFF).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0003801791761838>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8043-595X>.  
E-mail: [m\\_n\\_salutto@id.uff.br](mailto:m_n_salutto@id.uff.br)

**Resumo:** O presente relato de experiência tem por objetivo partilhar processo de estudo, reflexão e formação a partir da tríade ensino, extensão e pesquisa, tendo como centralidade de nossa investigação docência com bebês e crianças pequenas no contexto da educação coletiva. Articulando vozes docente e discente no contexto do curso de Pedagogia, de uma Universidade Federal, bem como projeto de extensão em uma Unidade de Educação Infantil (UMEI), o texto narra caminhos, desvios e potências que emergem da formação, se desdobram na extensão e se complexifica no fazer da pesquisa. O movimento de juntos estudar, pensar, buscar compreender, tem fundamentado a constituição de grupo de pesquisa, elaboração e desenvolvimento de trabalhos de conclusão de curso (TCC), constituindo movimento crítico-reflexivo de pensar a prática pedagógica com e a partir da observação dos movimentos, gestos, especificidades junto e com partir os bebês e as crianças. O exercício metodológico tem sido a escrita, como materialidade do vivido, como ação política e responsável com e no campo (PEREIRA, 2012). Sustentam a trama teoricamente (em construção), conceitos como os de alteridade e exotopia (BAKHTIN, 2009), infância e pesquisa (PEREIRA e MACEDO, 2012), entre outros.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Ensino. Pesquisa. Extensão.

**Abstract:** The present experience report aims to share the process of studying, reflecting and formation based on the teaching, extension and research triad, adopting as a centrality our teaching investigation with babies and young children in the context of collective education. Articulating the voices of teachers and students in the context of the pedagogy course of a federal university, as well as an extension project in an Early Childhood Education Units (ECE Units), the text narrates paths, deviations and powers that emerge from the formation, unfold in the extension and becomes complex in the process of researching. The movement of studying, thinking and seeking to understand together has motivated the foundation of groups of research, elaboration and development of course conclusion works (CCT), constituting a critical-reflexive movement of thinking the pedagogical practice with and based on the observation of the movements, gestures and specificities of the babies and young children. The methodological exercise has been writing, to report what was seen and felt, as a political and responsible action with and in the research field (PEREIRA, 2012). To sustain the research (under construction) theoretically, the concepts of alterity and exotopy (BAKHTIN, 2009), childhood and research (PEREIRA and MACEDO, 2012), among others were adopted.

**Keywords:** Childhood Education. Teaching. Research. Extension.

## Formação e conhecimento compartilhado: trajetórias em conjunto

*Todo processo de formação que assume responsabilidade pelo outro e se dá no diálogo precisa assegurar autoria e autonomia. A autoria se concretiza nas marcas que deixamos no mundo e nas marcas que o mundo inscreve em nós: o que fazemos, dizemos, escrevemos, construímos, o que é escrito no nosso corpo, nas nossas ações e produções [...]. Já a autonomia nos leva a pensar nas condições para exercer a autoria, enfrentar conflitos, interagir [...] (KRAMER, 2013, p. 311).*

Processos de formação são marcados pela complexidade do agir e pensar humano. De um lado, tem-se o desafio de compartilhar construções de conhecimento tecidas ao longo do percurso histórico das sociedades e das culturas (papel das instituições, da sociedade), de outro, destaca-se o envolvimento da própria pessoa implicada nos processos formativos, marcada pela história individual e coletiva, e os sentidos que constrói nessa relação. Desse modo, pode-se considerar formação como via de mão dupla, onde confluem e convergem sentidos objetivos, possíveis de serem mapeados, registrados, socializados, bem como sentido subjetivos, aqueles que, singularmente, cada pessoa tece na sua trajetória.

Considerando esse aspecto complexo e multifacetado, assumindo a formação como produção responsável em busca de *autoria* e *autonomia*, o presente relato de experiência tem por objetivo narrar percurso de formação compartilhado em torno da tríade ensino, pesquisa e extensão. Para tanto, toma como ponto fio condutor disciplinas do curso de Pedagogia da FEUFF<sup>1</sup> e a articulação com uma Unidade de Educação Infantil<sup>2</sup>. Construído a muitas mãos, as páginas a seguir apresentam os desafios, convites, encontros e desvios que atravessam processos formativos que emergem da busca pelo diálogo e pelo *compartilhar* em conjunto.

O primeiro movimento entre os olhares e mãos que tecem este relato, emergiu do encontro durante disciplinas no contexto da graduação em Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Das aulas na graduação no curso de Pedagogia (disciplinas obrigatórias e optativas), à dinâmica de pensar e implementar um projeto de extensão, a estudar e refletir sobre a circularidade na construção escritas monográficas em torno desse processo, *pensar, estudar, escrever* tem se constituído como norte orientador. O movimento de estudar, ouvir relatos, experiências, escrever sobre o que pensamos juntos, vem delineando o contorno dessa perspectiva de formação, fundamentada nos conceitos de exotopia e alteridade, a partir dos estudos da linguagem nas Ciências Humanas (BAKHTIN, 2009), que apostam na posição ética e responsável dos sujeitos na produção de conhecimento e relação com o mundo.

Na perspectiva bakhtiniana, exotopia refere-se ao deslocamento, ao exercício que cada pessoa faz de distanciar-se de sua posição em direção ao outro. Movimento de ir ao encontro e, a partir desse movimento, ser capaz de dizer do outro o que ele, da sua posição, não é capaz de ver e compreender. A tensão produzida por esse movimento – que se dá em via de mão dupla – mobiliza a responsabilidade da ação da imersão no campo – ensino, extensão pesquisa e, para Bakhtin (2009), vida – e na prática: ir ao encontro do outro e construir uma enunciação que busca se aproximar para compreender o outro nos seus termos e princípios. Ação que coloca os sujeitos – alunos/estagiários, professores, bebês e crianças – numa posição única e singular, que produz contexto e resposta responsável (BAKHTIN, 2009). Tomar a exotopia como perspectiva dialógica no processo formativo, na entrada e imersão no campo, abre-se como possibilidade de usufruir das lentes da alteridade, de caminhar na tentativa de aprender a suspeitar, a desconfiar, a buscar novas formas de ver, estranhar aquilo que se supõe como familiar

1 Em particular, a disciplina obrigatória Educação Infantil (ministrada no 5º período do curso de Pedagogia) e a disciplina optativa “Bebês e Crianças Pequenas: concepções e práticas em debate” (aberta a diferentes períodos e cursos de Licenciatura), da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Campus Gragoatá, Niterói.

2 Nomenclatura atribuída às instituições de Educação Infantil na cidade de Niterói.

e pretensamente conhecido.

Nesse sentido, o conceito de *exotopia* conferiu chão e estofo teórico para nosso horizonte inicial, reconhecendo assim, a não neutralidade diante das experiências, porque parte da premissa do desdobramento de olhares entre os sujeitos.

A partir dessas considerações, o relato se organiza em três eixos: (i) notas sobre nossos começos e encontros - *aproximações*; (ii) caminhos do encontro partilhado - *imersão*; (iii) desenvolvimento de estratégias de sistematização do pensar e do estudar – *escrever como ação ética e responsável*. Na centralidade dessas discussões, emerge como intenção, o esforço empreendido em compreender especificidades, movimentos, gestos, modos de olhar e compreender dos bebês e as crianças pequenas no contexto da formação inicial e continuada, bem como foco de pesquisa.

## **Aproximações – olhar, escutar, estudar como princípio ético na/da formação**

*Com a pesquisa, é possível estar no mundo em busca de sentido para a experiência vivida, ainda que o mundo da vida esteja sempre questionando nossas garantias de precisão (JOBIM E SOUZA, 2012, p.11).*

Com o intuito de dar contorno aos nossos lugares, vozes e sentidos no presente relato, a seguir, situamos nossas inquietações a partir e no interior das ações construídas. Buscando coordenar de modo coerente vida, estudo, formação, destacamos que esse exercício diz respeito, fundamentalmente, à organização do texto, uma vez que, no fluxo do processo, temos buscado nos orientar pela multiplicidade das vozes e dos discursos, sem, contudo, desconsiderar tensões e desafios que tal escolha provoca.

### **Olhar docente**

No ano de 2018, iniciava a trajetória docente no curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense, para a área Educação e Infância. Cheguei a esse espaço, constituída pela experiência docente tanto na Educação Básica (professora de bebês e crianças pequenas por aproximadamente dezesseis anos), quanto na Formação de Professores, inicial e continuada, em diversas instituições de Ensino Superior. Nos primeiros semestres dediquei-me às disciplinas Educação Infantil (dois turnos, duas turmas a cada semestre) e PPPV<sup>3</sup> (turno noturno, uma turma a cada semestre). Alguns estudantes cursavam as duas disciplinas concomitantemente. No processo de articular teorias, concepções sobre infância (s) e criança (s) e prática e estágio, sentidos adormecidos transformavam-se em inquietações. Diante da teoria, o cotidiano impunha indagações: *como fazer? Como repensar? Coordenar uma agenda de respeito às crianças significa defender que o adulto se submeta às suas vontades? O que são práticas pedagógicas? Quais diferenças marcam ser criança de ser aluno? E os bebês: qual tem sido o espaço de discussão sobre essa dimensão da vida nos cursos de formação?*

Sem a pretensão de esgotar ou responder todas nossas indagações, estudantes e professora foram sendo provocados a uma escrita que, mais do que descrever, pudesse refletir, problematizar, propor alternativas às inquietações que emergiam. No segundo semestre de 2018, como desdobramento da disciplina Educação Infantil<sup>4</sup>, propus a disciplina optativa “Bebês e crianças pequenas: concepções e práticas em debate”<sup>5</sup>. Atendia, desse modo, às inquie-

3 No Currículo da UFF existem 8 PPP (Pesquisa e Prática Pedagógica). A PPP V trata discute Alfabetização e Educação Infantil.

4 Com carga horária de apenas 60h. Outros desdobramentos são construídos em disciplinas eletivas e optativas.

5 No segundo semestre de 2019, a disciplina foi oferecida também como curso de extensão, aberta a toda comunidade, acolhendo gestores, professores e demais profissionais da Educação Infantil, pública e particular, das cidades de Niterói, Rio de Janeiro, Petrópolis, Itaboraí, entre outras.

tações que me provocaram como professora, bem como à possibilidade de dar continuidade e ampliar espaços de estudos e discussões sobre concepções, práticas e pesquisas sobre bebês (no campo da Educação Infantil de modo particular e na sociedade, de modo geral) que já vinha desenvolvendo. A disciplina foi oferecida para outras licenciaturas além da Pedagogia e, alguns estudantes que haviam cursado EI no semestre anterior se inscreveram.

No escopo das discussões, projetos de monografia foram se delineando, processos de orientação iniciados e uma intenção anunciada: do processo monográfico instituir um caminho de estudo e pesquisa. A partir dessa intenção, se instituiu o GERAR – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Infância, Bebês e Crianças.

Articulando dimensão dialógica e participativa, instituiu-se o projeto de extensão “Bebês, concepções e práticas: olhares a partir da imersão na UMEI Regina Leite Garcia”, que se somava ao movimento de estudo e pesquisa. A partir da interlocução com a equipe de gestão da instituição, o desenho de um projeto que se desejava propositivo iniciou seu percurso no final de 2018, implementando-se a partir do primeiro semestre de 2019.

Desdobrando o movimento de estudo, as duas professoras da única turma com bebês até 36 meses da UMEI, se integram ao GERAR, ampliando e qualificando as discussões entre estudo e produção de conhecimento no diálogo com a escola básica, suas demandas, necessidades e contribuições.

Mais do que exercício de produção monográfica, formação inicial de professores do curso de Pedagogia, projeto de extensão, criação e desenvolvimento de Grupo de Pesquisa, havia e há intenção de dar contorno, aprofundar, compreender, problematizar o debate sobre bebês e crianças pequenas no cotidiano da educação coletiva, bem como em outras dimensões que se apresentavam ao longo dos temas elencados para debates em/no grupo de estudos, no trabalho de campo e nas práticas pedagógicas cotidianas dos estagiários, professores, alunos do curso de Pedagogia da FEUFF.

A tríade ensino, extensão, pesquisa vem assim, dando contorno ao meu processo de imersão docente no Ensino Superior Federal, com o cuidado de buscar, preservar, sustentar coerência entre estudo e prática, tendo em vista o diálogo honesto entre nós, sujeitos envolvidos, na busca por equilibrar e refletir em torno das ações desenvolvidas.

### **Olhar discente – ensino, pesquisa, extensão numa trama bem urdida**

Iniciar pelo começo convida à reflexão do já vivido, bem como materializa a possibilidade de trabalhar na construção de um registro documental que me faz pensar sobre o que é o começo e quando comecei a pensar sobre o que foi o começo. *Ou será que estamos sempre começando?*

Talvez, quem sabe, acreditando ser difícil o começar, inaugurar um caminho, a gente se pegue adiando essa possibilidade de trilhar, de caminhar, de atuar reflexivamente, de ser autor do que se realiza. Mas de quem é, então, a autoria da nossa vida, nesse ciclo intermitente e circular, senão nossa, que sugere estarmos sempre começando?

E o começar de todo dia onde é? Como considerar o dia um início se à noite muita vida se inaugura? Por onde se começa a começar?

A partir dessa perspectiva, acolho como ponto de partida, então, nem um dia, nem uma noite, mas uma esquina. A cada esquina, no roteiro da vida, por mais que a cena do cotidiano se repita, já não é o mesmo. O outro, autor da vida que tem, que encontramos todos os dias, na esquina, de ontem para hoje, já mudou. É ator em cada ato que se desdobra na esquina da vida.

A cada encontro, o encontro que temos com o outro, o tempo todo, a todo o tempo, nos afeta e nos altera. Deixamos rastro, fazemos história com/entre/a partir do outro, construímos cenas que se desdobram à espera do próximo ato. Esse é o começo? É no movimento do encontro que começamos?

Num primeiro momento, estar em sala de aula, discutindo sobre bebês, crianças pequenas e práticas pedagógicas foi fundante, pois abalou o território das certezas pretensamente construídas, bem como sedimentaram o chão para o que estava por vir.

Cursava, à época, a disciplina Educação Infantil do curso de Pedagogia<sup>6</sup> e, concomitantemente, estagiava na creche universitária Geraldo Reis<sup>7</sup>, num grupo com bebês entre 24 a 36 meses de idade, como parte do estágio obrigatório para a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica V<sup>8</sup>. A mesma professora ministrava as aulas nas duas disciplinas. Era o primeiro semestre de 2018 e ela chegava à UFF naquele momento. Nosso encontro se deu nesse movimento de construção de conhecimento.

Nas aulas, eu me encontrava ávida por compartilhar meu recém descoberto encantamento pelos bebês, trazia com intensidade, na fala e na escrita, as muitas questões, perspectivas, sugestões, indagações e inquietações que emergiam desse encontro-descoberta que se dava na observação e interações com bebês e seus professores no campo do estágio.

No decorrer da disciplina, a professora, mediava as possibilidades de ampliação do que, para mim, seria o emergir da minha área de interesse no campo de atuação do Pedagogo: A Educação Infantil.

Nos semestres seguintes, no desdobrar das disciplinas<sup>9</sup>, convergindo interesses e inquietações em comum, iniciamos a tessitura em conjunto – professora, estudantes, professores da Educação Básica – a construção de trajetória que envolve compromisso ético e responsável com a formação, o ensino, a extensão, a pesquisa e, principalmente, com os bebês e as crianças.

## **Imersão: estudar como fios potentes do ensino, da extensão e da pesquisa**

*Pensar um projeto institucional no qual nos reconheçamos – todos – como autores de suas questões centrais é, sobretudo, um trabalho político, pois implica pensar a alteridade que compõe o próprio grupo e os lugares de autoria e autoridade ali experimentados (PEREIRA; MACEDO, 2012, p. 17).*

Contextualizados percursos e sentidos nesse breve percurso, chegamos juntos – professora e estudantes – no momento em que nos vemos diante da possibilidade, e desafio, de dar contorno às inquietações partilhadas. Somos provocadas a nos constituir como grupo.

Nesse sentido, a dimensão da responsabilidade e comprometimento que nos atravessava no âmbito particular, emerge como princípio a ser afirmado no coletivo. O que, para nós, emergia como fundamental e inegociável como grupo em construção?

Estudar nos pareceu ser caminho mais lógico e responsivo. Nos debruçar sobre outras narrativas de outros grupos, ler como se constituíram tendo como base nossa mesma tríade – ensino, extensão, pesquisa –, foi fundamental para, desde o princípio, construirmos marcadores importantes como pilares a nos sustentar. Iniciamos o estudo, em forma de seminário, do livro “Infância e Pesquisa” (PEREIRA e MACEDO, 2012). De modo parecido, as autoras que compõem o conjunto de artigos dos livros, iniciaram, anos antes, seu percurso de ensino, extensão, pesquisa, tendo a Infância e Cultura Contemporânea como inquietação e tema de investigação.

Para tanto, no diálogo com autores da Filosofia da Linguagem, constituíram pilares conceituais, éticos, políticos para o agir da pesquisa e, sobretudo, para uma agência responsável e

6 Da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Campus Gragoatá.

7 “O Colégio Universitário Geraldo Reis nasceu de um convênio da Universidade Federal Fluminense (UFF), assinado em 2006, com o Governo do Estado do Rio de Janeiro, que garantiu a permanência da equipe de professores e funcionários da rede estadual lotados no colégio e dos alunos do CIEP Geraldo Reis, onde agora funciona. [...] O COLUNI/UFF é uma Unidade Acadêmica vinculada à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e destina-se ao atendimento da demanda de Educação Infantil e de Educação Básica na UFF, bem como possibilita aos estudantes das licenciaturas um espaço de vivência da prática de ensino por meio de estágio supervisionado e projetos de Iniciação à Docência”. Disponível em: <http://coluni.uff.br/o-coluni/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

8 Essa disciplina convoca à interdisciplinaridade e perpassa especialmente a disciplina de Educação Infantil.

9 Cursei a disciplina Educação Infantil (2018.1), em seguida, a disciplina optativa Bebês e Crianças Pequenas: concepções e práticas em debate (2018.2).

comprometida com a sociedade. Inspiradas pelas palavras, indagações, angústias e, sobretudo, honestidade dos textos partilhados, convergimos aquelas vozes às nossas, nos encontrando e nos perdendo, cientes de que nosso caminho de estudo e formação se encontra na sua própria fase de infância e meninice, o que nos permite brincar, transitar, aprofundar, escolher, alterar rotas e caminhos mediante o rumo que estudo, prática e pesquisa nos convocam.

Desse modo, a relação entre um grupo de graduandas, formandas e não formandas, tecida nas aulas interdisciplinares sobre bebês, se ampliou quando nos *encontramos* participantes do grupo de pesquisa GERAR. Semanalmente nos reunimos para estudar e debater teoricamente textos, discutir enfrentamentos do cotidiano da formação docente, dialogando com autoras como (RIBES; MACEDO, 2012), (GUIMARÃES, 2012), (BAKHTIN 2003, 2009).

Nas questões que emergem no grupo, nos sensibiliza o debate sobre lugar ético e político de formação, inicial e continuada, que ocupávamos. Debruçamos nosso olhar sobre as especificidades dos bebês no contexto institucional e suas experiências de/na infância relacionadas a essa institucionalização.

Como construiríamos um trabalho de conclusão de curso articulado ética e politicamente a essas manifestações culturais da infância institucionalizada? O quanto esse caminhar coletivo de tecer pesquisa, ensino e extensão colabora para e na (trans)formação ética e política do estudante/pesquisador que no encontro com o seu objeto de pesquisa é desafiado a enfrentar o subjetivo que emerge do outro e do professor/educador que pode ressignificar sua prática no reencontro com a pesquisa e rigor acadêmico?

Outro encontro aconteceu. Seguimos juntas no projeto de extensão. A partir daí novas questões emergiram, tais como: Nossos olhares e ações se cruzam no que observamos no cotidiano da creche? Acreditando que toda resposta é motivada pela pergunta que fazemos, quais as perguntas intencionais que apresentamos aos bebês ao longo do processo de pesquisa para construirmos nosso relato de experiência?

Indagações que revelam nossas inquietações e que, mais do que as responder, nos colocamos de modo rigoroso e ético na busca por compreendê-las, em especial, no contexto da investigação que emerge do projeto de extensão, pois,

Assim, antes de perguntar [...] implica saber o quão sinceras são nossas perguntas, o quanto a história que queremos despertar com nossa pesquisa nos afeta eticamente como sujeitos, a fim de construir um conhecimento verdadeiramente compartilhado e que não ceda à tirania da artificialização (PEREIRA, 2012, p. 50).

O trabalho de campo é/dá contorno aos encontros, provocando a nos mantermos vigilantes em relação ao contexto das práticas – mais dinâmico do que o campo teórico – e da teoria que tem nos sustentado. As práticas, rotinas, escolhas do dia a dia institucional irrompem as portas da universidade como eixos de análise e, coletivamente, nos convida a problematizar questões e tensionamentos estruturais que, muitas vezes precisavam ser repensadas, revistas; mas, que, só podem produzir sentido, no diálogo, na reflexividade de todos os envolvidos no processo.

O caminhar da pesquisa tem sido ampliado com e a partir das discussões fomentadas no GERAR. Nesse lugar-encontro, cada sujeito tem contribuído para/na construção de saberes, na construção do pensamento reflexivo que precisa fundamentar princípios, escolhas, caminhos. Estudar tem sido norte e âncora nessa imersão que, no próximo item, abordamos mais detalhadamente.

## **Caminhos metodológicos como via de mão dupla do ensino, da extensão, da pesquisa**

*Ver-se, rever-se, mostrar-se são exercícios imprescindíveis à formação do pesquisador e nem sempre livres de susto. Ao susto – sentimento tão associado ao medo – preferimos o espanto: o espanto de se perceber alterado, de se perceber capaz de alterar, de confrontar, argumentar e mesmo de afastar e de se afastar, enfim, de construir uma história de estudo onde crescemos um em presença dos outros [...] (PEREIRA; MACEDO, 2012, p. 22).*

Como olhar para nós mesmos quando estamos imersos, transbordados e transbordantes da atmosfera do vivido? Como problematizar de dentro de nossas ações, atravessados por sentimentos – uma vez que apostamos no diálogo, na alteridade, na exotopia como categorias constituintes renunciamos à uma pretensa neutralidade –, pela posição ocupada por cada um de nós nessa teia formativa?

Além de **estudar** – o que envolve seleção/eleição de bibliografia, leitura, debates – quais caminhos e estratégias permite o exercício de *ver e rever-se*, com *susto* e surpresa, mas na aposta de que é no coletivo que podemos enfrentar os desafios que emergem de nossa própria construção? Neste sentido, **escrever** tem se constituído como exercício metodológico potente e formativo, permitindo autoria, criação, autenticidade e assinatura singular de cada pessoa envolvida no processo.

A partir das leituras, reflexões e problematizações em torno das práticas, escrever vem dando contorno ao exercício de estar no campo e na prática, mobilizando a docência sobre a premissa de agir, escolher, refletir, indagar, como resposta responsável. A materialidade da escrita se revela escuta e resposta para e com o outro, a partir de um lugar ético que buscou compreender antes de julgar, conferindo à formação seu caráter social, ético, responsável, eminentemente tecido entre relações

## Escrever como aposta e proposição na articulação ensino, extensão e pesquisa

Escrever tem se dado a partir de múltiplos exercícios. Seja na produção de atas e registros pessoais no interior do grupo de pesquisa – GERAR –, seja na construção do material fruto da imersão do projeto de extensão. Nos deteremos no exercício de construção que tem se dado no projeto de extensão.

A escolha se justifica por dois motivos principais: (i) porque foi opção teórico-metodológica assumida desde o princípio da imersão na UMEI; (ii) porque tem permitido mapear, reunir, reelaborar, socializar os processos de observação realizados.

No exercício de tecer fios narrativos, num movimento de imersão a que o registro convoca, na intenção de *contar* as experiências vividas *a partir, com, entre* bebês, crianças, adultos na/da instituição, provoca certa angústia, por se tratar sempre de um recorte da realidade, bem como tensiona o rigor ético e metodológico diante do que se vê, escuta, escreve. Como validar o ponto de vista daquele que observa e escreve? Será que aquilo que considero relevante como ponto a ser observado e escrito, revela (parte) da realidade que o outro, o observado, vive? Como e para onde olhar? Como transformar em escrita o que se vê a partir de um dado lugar histórico, contextual?

Nesse ponto, em que angústia e susto cruzam caminhos e se dão as mãos, o estudo vem ao encontro de nossas inquietações, permitindo salientar que a realidade, no contexto investigativo da pesquisa, se faz no recorte, na *montagem*, na via de mão dupla de olhar responsabilmente para o macro e para o micro:

O movimento de imersão – e adentrar nos pormenores do detalhe – é um trabalho quase mimético, em que se busca a percepção, sem mediações, do fragmento. Interessa aquilo que ele, o fragmento, por si mesmo, pode contar de si, de

seu conteúdo material. A montagem, por sua vez, busca o que esse conteúdo material reverbera no todo plástico que pretende compor. Nesse trabalho de montagem o que adquire relevância, ao contrário do que acontece na imersão, é a capacidade relacional que o fragmento adquire, ou seja, as semelhanças a que ele se abre. Há que ressaltar que tanto a imersão quanto a montagem consistem num trabalho ético, estético e epistemológico que coloca em evidência concepções de conhecimento e de verdade em cada escolha feita (PEREIRA, 2012, p. 36).

Nos primeiros movimentos de escrita, a resistência em pormenorizar cenas do cotidiano ficava evidente. A partir das anotações em campo, rascunhar, apagar, reescrever a escrita, num deslocamento constante e não linear entre o observado, o vivido em cena com os bebês, as crianças e os adultos, o espaço, o ângulo, as palavras, os gestos revelavam a intenção quase de traduzir um momento único, de construir o roteiro de uma cena do qual eu era a autora.

A autoria era um desafio, já que nos víamos implicados com a autoria de todos envolvidos num mesmo momento, numa mesma cena. Bebês e crianças, participantes ativos das cenas observadas, em pleno processo de construção da linguagem verbal, desde sempre produziam narrativas que nos sentíamos no compromisso de escrever, quase que como a ratificar a existência daquilo que faziam.

Aos poucos, escrevendo, revendo e, principalmente, negociando elementos da escrita entre os participantes do grupo, fomos compreendendo que a escrita cumpria um dos papéis e funções dos cenários compartilhados. Estar lá, nos colocar disponíveis para a escuta, para a observação, para acolher a complexidade que é construir e agir num cotidiano veloz e multifacetado, nos permitiu distensionar a rudeza da escrita e assumir, no texto, na linha, nossas próprias limitações, revelando que:

O que se torna acessível, então, são os fragmentos constitutivos do cotidiano, pequenos detalhes que, de forma miniaturizada, são estilhaços das grandes transformações. São esses pequenos estilhaços, muitas vezes esquecidos e banalizados, que aguçam a percepção humana e demandam a esta intermitentes questões (PEREIRA, 2012, p. 28).

Assumir a multiplicidade, o escapável, o efêmero, o dinamismo como parte intrínseca da formação, da docência, da pesquisa humaniza o processo e nos leva a considerar que, mais importante do que o produto, faz-se urgente o compromisso com o processo, o que envolve sempre, e sobretudo, as relações entre as pessoas e o que dela emerge como tecido ético, político, responsável, que impacta e reverbera no cotidiano, seja da escola básica, seja da universidade. O contexto existe, ainda que não estejamos nele. A cena, esta sim, recortada, vista de fora, *exotopicamente*, só existe porque nos colocamos diante do outro, ou, melhor, nos dirigimos ao outro e, com ele, buscamos travar um diálogo que extrapole a formação e se amplie como aposta na vida, uma vez que:

[...] no campo das ciências humanas, o “objeto investigado” tem sua especificidade: ele é também um sujeito, que não somente é olhado pelo pesquisador, mas que interage, que dialoga: é um objeto vivo, com voz, com valores, com subjetividade [...] Neste, o objeto é também sujeito e, portanto, a fala do pesquisador é sobre um sujeito que fala (SANTOS, 2012, p. 142).

Escrever, portanto, vem se tornando fundante na rotina enquanto acervo e construção da pesquisa e, para além do acervo, alinhava pensamentos, atualiza a escrita diária, subverte ordem e cronologias pré-estabelecidas. Possibilita a reflexão sobre a própria experiência vivida, amplia a leitura de mundo, é uma prática pedagógica que coloca em movimento a nossa subjetividade, aflora a reflexão crítica e ética acerca da formação docente.

Seguindo esse fluxo que envolve formação, docência com/sobre bebês e crianças pequenas na tríade ensino, extensão, pesquisa, tem nos levado a sustentar nossa trama, ainda inicial, como grupo que se compromete com a vida, o pacto geracional, as práticas educativas em contextos coletivos com os bebês, as crianças, os adultos.

## Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Fragmentos sobre a rotinização da educação infantil**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 25, n.1, p. 93-113, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

GUIMARÃES, Daniela. Ética e cuidado, cultura e humanização: eixos do trabalho com as crianças pequenas na Educação Infantil. In: MORO, Catarina. SOUZA, Gizele de (Orgs). **Educação infantil: construção de sentidos e formação**. Curitiba. NEPIE/UFPR, 1ª edição, 2018, p. 31-44.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Prefácio**. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

KRAMER, Sonia. **Formação e Responsabilidade: escutando Mikhail Bakhtin e Martin Buber**. In: KRAMER, Sonia, NUNES, Maria Fernanda Rezende, CARVALHO, Maria Cristina (orgs.). **Educação Infantil: formação e responsabilidade**. 1ªed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. **Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior**. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

SANTOS, Núbia de Oliveira. Intimidade e estranhamento na pesquisa com crianças. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

Recebido em 16 de outubro de 2019

Aceito em 17 de março de 2021